

## JULIETA DE MELO MONTEIRO E O SISTEMA LITERÁRIO RIO-GRANDINO NO SÉCULO XIX

Maria Christina Pereira Minasi<sup>1</sup>

### RESUMO

Este artigo pretende analisar parte da obra da escritora rio-grandina Julieta de Melo Monteiro, e está articulado ao projeto “Dicionário de autores do Rio Grande do século XIX”. A pesquisa, que consulta prioritariamente fontes primárias, tem como intenção organizar e divulgar dados biográficos de autores que participaram na consolidação do sistema literário no século XIX nesta cidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Periodismo literário, sistema literário, literatura sul-riograndense.

O projeto “Dicionário de autores do Rio Grande do século XIX”, que nesse momento busca resgatar dados sobre a vida e a obra de Julieta de Melo Monteiro, teve início no ano de 2006. Um dos pilares do projeto é acabar com imprecisões biográficas dos autores locais, que - no caso de Julieta - ocorrem com sua data e local de nascimento, questionadas ao longo de décadas. Sacramento Blake (1883), Celuta Moreira Gomes (1977), Pedro Leite Villas-Bôas (1991), Afrânio Coutinho e J. Galante Sousa (1990, 2001), Rita Schimidt (2000), Schuma Schumacher e Érico Vital Brazil (2000) e Nelly Novaes Coelho (2002) marcam o nascimento como em 21 de outubro de 1863, em Porto Alegre, enquanto Guilhermino César (1971) omite o ano de nascimento.

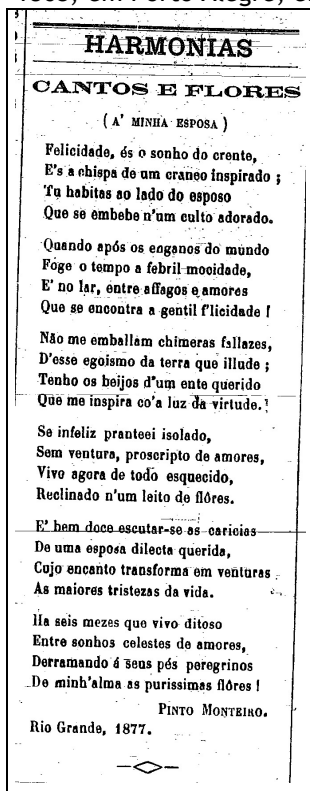
A tese *A lírica portuguesa no Brasil meridional*, defendida por Artur Emilio Alarcon Vaz em maio de 2006, indicou uma possível data para o nascimento da escritora, através do poema “Cantos e flores” (ao lado) composto por seu marido Francisco Guilherme Pinto Monteiro<sup>2</sup> e encontrado no jornal pelotense *O Trovador*, com a dedicatória “a minha esposa”, em que o sujeito lírico relata que “há seis meses vivo ditoso”.

Esse poema remete para outubro de 1876 a provável data de casamento de Julieta e Pinto Monteiro. A busca pela confirmação desse fato começou pelo Centro de Documentação História (CDH) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), onde foi encontrado o registro de casamento, denominado de “Autos Matrimoniais”. Esse registro é datado de 21 de outubro de 1876, dia em que a poetisa também completou 21 anos.

Essa informação determinaria a data de nascimento de Julieta em 21 de outubro de 1855, o que é confirmada pelo registro feito pela avó materna, Ana dos Passos Figueroa, em 27 de maio de 1860, no registro de batismo encontrado na Diocese de Rio Grande<sup>3</sup>, que indica também que Julieta nasceu em Rio Grande e não na capital gaúcha.

A única foto (em anexo ao final) encontrada da Julieta foi obtida no túmulo doado pelo Partido Federalista ao seu irmão mais novo Romeu dos Passos Melo, falecido em 1911, e que fica no cemitério católico de Rio Grande (RS), onde a poetisa está sepultada juntamente com seu esposo, seus irmãos Romeu e Otaviano Augusto, proprietário e redator do jornal *O Arauto das Letras*, e a irmã, Revocata Heloísa de Melo.

Paralelo à pesquisa biográfica, foi iniciada a recuperação de sua obra literária, pois Julieta atuou como professora, poetisa contista, cronista, ensaísta, teatróloga e jornalista, fundando juntamente com Revocata, as revistas *A Violeta* (1878-1879), periódico literário de curta duração publicado aos domingos e que tinha o público feminino como



<sup>1</sup> Graduanda de Letras Português/Espanhol da Universidade Federal do Rio Grande. Artigo vinculado ao projeto de pesquisa “Dicionário de autores de Rio Grande no século XIX”, sob orientação do prof. Artur Emilio Alarcon Vaz.

<sup>2</sup> Além de poeta e jornalista, Pinto Monteiro possivelmente também era mercador de escravos.

<sup>3</sup> DIOCESE de Rio Grande. *Livro de Batismos* n. 16 (14 fev. 1858 a 8 maio 1863); folha 56 verso.

alvo, incentivando a formação cultural das mulheres, sem descuidar, porém, da formação religiosa e dos cuidados com o lar, e o *Corimbo*, que começou como uma revista e mais tarde transformou-se em um jornal literário de qualidade, que durou 60 anos (1883-1943). Nesse periódico, onde Julieta laborou até sua morte, em 1928, foram divulgados talentos e críticos da época, mostrando as diferentes opiniões de seus colaboradores, caracterizando assim o nome do quinzenário, cujo termo botânico significa uma inflorescência cujas flores, todas no mesmo plano, inserem-se no talo em níveis diferentes.

Entre os livros escritos por Julieta, destacam-se o livro de contos *Berilos*<sup>4</sup> (1911), escrito com sua irmã, o livro de poemas *Oscilantes*<sup>5</sup>, escrito entre 1881 e 1888; e a obra *Terra Sábara*, com poemas de 1924 a 1928, editado após a morte da autora.

Em *Berilos*, através de contos geralmente curtos, a escritora enfatiza ensinamentos de economia doméstica, religião, boa conduta e sacrifício (sempre femininos), como uma espécie de orientação para as mulheres de seu tempo. Esses contos, de títulos sugestivos como “O milagre da Virgem”, “Uma decepção” e “Regeneração” são de fácil leitura, com parágrafos curtos e excessiva adjetivação, provavelmente atingindo um público de mulheres, com pouca instrução, devido ao seu conteúdo conservador e de fácil assimilação. “O milagre da Virgem” aponta o valor da fé nos momentos difíceis:

De repente, em meio aos trovões medonhos e a bulha da incessante chuva, ouviu-se um grito que ecoou lugubrememente em todos os peitos:  
Homem ao mar!

- É o pequeno filho de Jacques!

Um segundo grito soou, acompanhado do baque de um corpo na água.

Era o infeliz pai que se precipitara em socorro do filho.

- Valha-nos Senhora dos Aflitos, bradou o piloto que tinha em Jacques seu melhor amigo.

E a Virgem ouviu-o (MONTEIRO, 1911, p. 28).

No conto “Uma decepção”, é tratada, através de uma história espirituosa, a conduta feminina, já que o principal objetivo das moças de então era o casamento, e para realizá-lo ou mesmo para não ser motivo de rumores, as moças não deveriam dar atenção a qualquer rapaz, pois era certa a decepção. Em uma longa viagem de bonde, a jovem Ivanoska, personagem feminina do conto, acompanhada de sua pequena sobrinha, encontra um rapaz de “olhos tristes” - descrição repetida em vários contos de Julieta -, e dele se enamora, já imaginando a linda história de amor que poderia em breve acontecer. Credo que o moço está no bonde por ela, desce ao mesmo tempo em que ele, e dirige-se à casa de uma amiga, assim como ele, chegando à mesma porta:

Imediatamente a porta abriu-se e a amiga querida apareceu sorridente.

- Oh! Já se conheciam?

E eles a um tempo: Não.

- Ivanoska, apresento-te meu noivo.

- Sr. F., apresento-te Ivanoska, a prezada amiga de quem lhe tenho falado.

Moralidade do fato:

Não é bom prestar atenção a moços desconhecidos que são encontrados nos bondes (MONTEIRO, 1911, p. 47).

Em “Regeneração”, é confrontada a irresponsabilidade masculina com o sacrifício e a abnegação femininos, pois a mulher, para sustentar o lar, adocece por trabalhar demais, enquanto o marido, alcoólatra, passa seus dias no bar. No dia da morte da esposa, há uma tomada de consciência por parte desse homem, que, ao dar-se conta do sofrimento passado pela esposa, e de tê-la perdido para sempre, passa então a ser bom pai e cidadão exemplar, como uma espécie

---

<sup>4</sup> O mineral berilo dá origem a pedras preciosas de matizes róseas, azuis e verdes, como morganitas, águas-marinhas e esmeraldas.

<sup>5</sup> Segundo nota da autora, o livro foi anunciado sob o título *Oscilações*, denominação que foi alterada no momento da publicação.

de penitência. No entanto, para que isso acontecesse, foi necessário, primeiro, o sacrifício da mulher. Nesse conto, apenas o personagem masculino tem nome e, mesmo assim, este só aparece no final, quando acontece a transformação positiva. Chama-se Acrísio, cujo significado é “aquele que não distingue”, marcando que o personagem tem um pensamento atrasado e mesquinho como tantos homens da sua época.

Os textos da escritora são carregados de melancolia e morbidez, denotando um luto eterno, levantando a probabilidade de sua escrita sofrer influência das perdas que sofreu ao longo da vida<sup>6</sup>:

O luto, de modo geral, é a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém e assim por diante. Em algumas pessoas, as mesmas influências produzem melancolia em vez de luto; (...) Os traços mentais distintivos da melancolia são um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, culminando numa expectativa delirante de punição. (FREUD, 1974, p. 279)

Segundo Freud, “melancolia é a reação à perda do objeto amado. O objeto talvez não tenha morrido, mas se perdido enquanto objeto de amor”; o luto é algo passageiro, aos poucos o sujeito vai se desvinculando do objeto, deixando longe sua lembrança e sofrendo um pouco menos, aceitando a situação de forma serena. Observa-se que essa transformação não ocorreu com a escritora, pois em quase todos os seus poemas, a partir da morte da mãe, ficam claros uma auto-piedade e um grande desânimo.

A melancolia manifestou-se fortemente após a morte do marido, Pinto Monteiro, quando Julieta contava com apenas 34 anos. Esse sentimento aparece de forma muito intensa no poema “Desperta”, publicado no *Corimbo* de 8 de março de 1891:

Desperta,  
Desperta não durmas,  
Teu sono deixou no abandono  
Deixou no abandono, meu pobre viver.  
Acorda,  
Ei acorda, minha alma te espera,  
Minha alma te espera  
É bem cedo,  
Bem cedo meu Deus para morrer.  
Da noite sultana reflete amorosa,  
A fronte saudosa  
A fronte saudosa, no túmulo teu.  
E as auras passando, murmuram baixinho,  
Murmuram baixinho  
Um nome que outrora teus dias prendeu.  
E tu não despertas,  
Acaso olvidaste o quanto juraste  
O quanto juraste no tempo feliz?  
Pois dentre meu seio perdura lembrança  
Perdura lembrança  
Da quadra ditosa que o céu roubar quis.  
Acorda, não durmas,

---

<sup>6</sup> A saber, o marido Pinto Monteiro (c. 1845 - 23 jan. 1889), o irmão Otaviano Augusto (c. 1864- 10 jul. 1889), a mãe e também escritora Revocata Figueroa de Melo (fal. em 14 out. 1889); a sobrinha Alda (c. 1887 - 14 out. 1891), filha de Otaviano Augusto, e, mais adiante, o irmão Romeu (fal. em 1911). A data de falecimento de Romeu foi retirada do *Corimbo*, de setembro de 1930 (nº. 349, p. 3).

Espera um momento, que eu triste lamento,  
Que eu triste lamento  
Não estar junto a ti.  
A pedra gelada levanta e me espera,  
Levanta e me espera  
Que eu quero-te sempre  
Bem perto de mim.

Nesse poema, o sofrimento pelo abandono é observado pelo pedido sempre repetido que o sujeito lírico faz a alguém que ama: “desperta”, “acorda”, “não durmas”. É a metáfora de “ressuscita, não morras”; observa-se também que esse sujeito tinha no amor a única riqueza de sua vida, entregando a existência a esse sentimento, que passou a ser inútil com a morte do objeto amado.

Outro detalhe mostra um amor idealizado, pois a alma espera, não o corpo; porém, mesmo sentindo extrema falta desse afeto, continua: “É bem cedo,/ bem cedo meu Deus para morrer”, denotando que tem consciência de que ainda é jovem e tem muito a viver, mesmo lamentando não estar junto de seu querido. A pedra tumular, fria e aberta, tem muito tempo ainda que esperar para junta-la a seu amado. O sujeito lírico não guarda a lembrança na frente, mas no coração, caracterizado como seio. A poetisa, que contava seu amor e sua tristeza pela perda daquele, viveu mais trinta e nove anos, na mais profunda depressão.

Nos poemas, Julieta Monteiro deixava-se levar por um Romantismo já defasado para a época, carregado de lirismo, numa escrita autobiográfica e confessional, entretanto, posteriormente, o escritor Ari Martins conceitua a poesia de Julieta como parnasiana: “isso significa que ela não sacrificou a rutilância da idéia ao esplendor formalístico. Em versos bem trabalhados de grande elevação moral exterioriza um amargo pessimismo que não chega à exasperação, pois quase sempre recorre ao sulco indestrutível da fé cristã” (*Corimbo*, jun. 1934, n. 342, p. 1).

O livro de poemas *Oscilantes*, dedicado à mãe falecida, é uma marcante declaração de amor àquela. Em seu prefácio, denominado “Leia-se”, a poetisa desculpa-se com os leitores pela singeleza da obra: “é que a morte estendendo sobre meu lar as suas negras asas veio roubar-me a mais paciente e dócil das preceptoras - minha adorada Mãe” (p. 3). A obra divide-se em duas partes, sendo que a primeira, “Quadros”, é constituída de poemas retratando quadros familiares<sup>7</sup>. A segunda parte, “Dulias”<sup>8</sup>, é dedicada aos irmãos e formada por lembranças dolorosas da poetisa, que permaneceram até *Terra sáfara*, seu livro póstumo.

Embora possuísse uma escrita simples e direta em seus contos, nos poemas de *Oscilantes*, Julieta utilizava expressões cultas e figuras de linguagem, possivelmente atingindo um público com maior possibilidade de aquisição de livros e mais prática de leitura. Essas expressões como “Um ser de raça felina” (*Oscilantes*, p. 36) para mencionar gato ou “sulcando o mar abre espumoso traço” (*Oscilantes*, p. 57), designando um rastro de espuma.

Mesmo sendo uma mulher romântica na ficção e na poesia, Julieta era bastante versátil como jornalista. No *Corimbo*, onde publicava crítica literária, poemas e artigos sobre a importância da alfabetização e da higiene infantil, a jornalista também apontava as vantagens das mulheres trabalharem fora do lar, buscando sua independência e, assim, casarem por amor sem, porém, descuidar dos afazeres da casa e da religião, pois a união significaria mais do que apenas assegurar um futuro tranqüilo. Isso mostra a versatilidade e a marcante participação da mulher, em fins do século XIX, na cultura e na cidadania.

---

<sup>7</sup> Estranhamente, quase não foram encontradas referências ao pai João Melo, por parte tanto de Heloísa quanto de Julieta. A única homenagem ao pai das jornalistas encontrada até agora nessa pesquisa consta no *Corimbo* de 5 jan. 1890, em que há um poema de Machado da Cunha, única pessoa de quem o falecido recebeu homenagem. Ao sogro, o Comendador Aniceto Pinto Monteiro, Julieta dedicou o poema “Na sala de jantar” (*Oscilantes*, p. 32), outra das cenas cotidianas recortadas por Julieta em forma de poesia.

<sup>8</sup> O culto de *dulia* é prestado aos anjos e aos santos, por oposição ao culto de *latria*, que só é prestado a Deus.

É possível concluir que, através da pesquisa das obras de Julieta de Melo Monteiro, não houve a recuperação apenas de um fragmento histórico e cultural do sistema literário rio-grandino, pois, ao se buscar autores que se destacaram no século XIX e início do século XX, influenciando e formando opiniões, também resgata-se a memória de uma mulher que, como outras precursoras de sua época, dedicou sua vida às letras e à imprensa.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALVES, Francisco das Neves. *Uma introdução à história da imprensa rio-grandina*. Rio Grande: EdFURG, 1995, p.76-78.
- BLAKE, Augusto Victorino Alves Sacramento. *Dicionário bibliográfico brasileiro*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1883-1902. 7 v.
- CÊSAR, Guilhermino. *História da literatura do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- COELHO, Nelly Novaes. *Dicionário crítico de escritoras brasileiras*. São Paulo: Escrituras, 2002, p. 314.
- CORIMBO. 5 jan. 1890, n. 17, ano VI, p. 2.
- CORIMBO. 18 out. 1891, n. 52, ano VII, p. 3.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. Rio de Janeiro: MEC/FAE, 1990.
- COUTINHO, Afrânio; SOUSA, J. Galante. *Enciclopédia de literatura brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Global; Rio de Janeiro: ABL, 2001.
- DIOCESE de Rio Grande. *Livro de Batismos*. V. 16. f. 56 v.
- FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. V. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 271-293.
- GOMES, Celuta Moreira. *O conto brasileiro e sua crítica*. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1977, p.331-332.
- LELLO UNIVERSAL, Dicionário. Portugal. Lello & Irmão; [c.1880]. p.812
- MARTINS, Ari. *Escritores do Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: UFRGS, 1978.
- MELO, Revocata H.; MONTEIRO, Julieta de Melo. *Berilos*. Rio Grande: Globo, 1911.
- MONTEIRO, Francisco Guilherme Pinto. Cantos e Flores. *O Trovador*, 29 abr. 1877, n 3, ano II, p. 2.
- SCHMIDT, Rita Terezinha. Julieta de Melo Monteiro. In: MUZART, Zahidé Lupinacci. *Escritoras brasileiras do século XIX*. V. II. Florianópolis: Mulheres, 2000, p. 306-311.
- SCHUMACHER, Schuma; BRAZIL, Érico Vital. *Dicionário Mulheres do Brasil: de 1500 até a atualidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- VAZ, Artur Emilio Alarcon. *A lírica de imigrantes portugueses no Brasil meridional (1832-1922)*. Tese (Doutorado em Literatura). UFMG, Belo Horizonte, 2006.
- VILLAS-BÔAS, Pedro Leite. *Dicionário bibliográfico gaúcho*. Porto Alegre: Edigal, 1991.

#### ANEXO



Julieta de Melo Monteiro, em foto obtida no túmulo do Cemitério Católico de Rio Grande.  
(Foto de Itabajara da Silva Vaz, outubro de 2006)